

## Formas e Fluxos dos Maxakali nas Fronteiras do Leste: a aldeia do Capitão

### Tomé (1750-1800)"

Izabel Missagia de Mattos<sup>1</sup>

Autodesignado “súdito austríaco”, o barão Johan Jakob von Tschudi (1971 [1866]) descreveu o que mais o impressionara na natureza exuberante e nas pessoas de origens diversas encontrara em sua expedição na zona do Mucuri, no ano de 1858. Ele imputava, então, aos próprios atores indígenas a responsabilidade do bloqueio da estrada aberta do Mucuri ao mar no ano de 1811 por Bento Lourenço Vaz de Abreu e Lima. A hegemonia indígena na história do Mucuri deveu-se, de acordo com seu relato, à presença do notável “capitão” Tomé, líder de um povo falante do Maxakali e que reunia, em torno de seu próprio agrupamento, um conjunto diversificado de etnias, em um tipo de vida quase sedentária e em aliança com um círculo maior de índios “nômades”. Com o desaparecimento daquela liderança política, ao final dos Setecentos, recrudesceria a guerra intertribal, a qual, por sua vez, favoreceria a penetração dos colonizadores naquelas matas.

Ao recuarem da região do alto Mucuri em direção ao Leste, defrontando-se com o mar, os índios dantes capitaneados pelo Maxakali Tomé tiveram seu espaço de deslocamento limitado por um único sentido, norte-sul – fato que veio inviabilizar o trânsito ao longo da estrada aberta pelo expedicionário Bento Lourenço, no sentido leste-oeste .

Diversos registros históricos remetem, com efeito, para a existência de uma rede de povos filiados à família linguística Maxakali, estabelecida na região do alto Mucuri

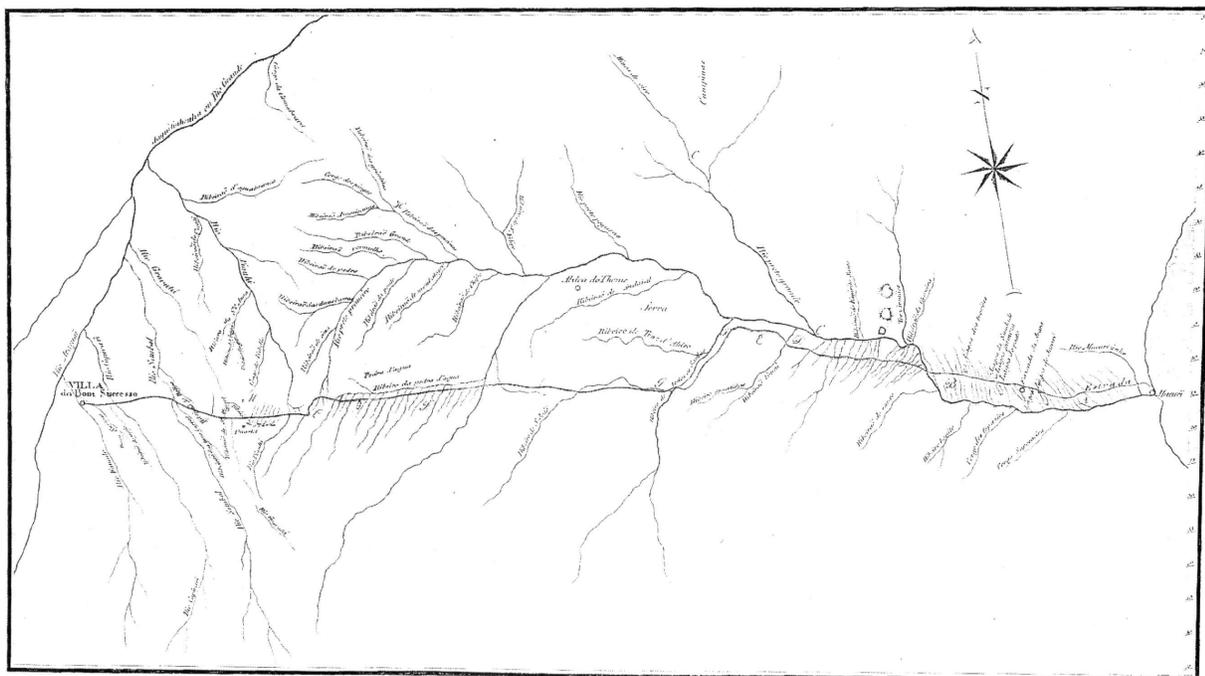
---

<sup>1</sup> Professora de Antropologia no Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), Universidade Católica de Goiás.

sob a liderança do legendário Tomé, a partir de meados do século XVIII. O populoso aldeamento ali se estabelecera através de um acordo de “paz” com as autoridades governamentais: o chefe indígena portava uma permissão assinada pelo governador da Capitania para ocupar os altos do Mucuri, ainda que dentro de limites bem determinados.

Em sua *Memória Histórica da Capitania de Minas Gerais*, publicada em 1780, o cartógrafo militar Joaquim José da Rocha, português de nascimento, descreveu e localizou os “gentios” que então povoavam os sertões de Minas. Segundo sua descrição, os povos Puri e Botocudo unidos na região fronteira da Capitania do Espírito Santo, moviam “contínua guerra aos monaxós, malalis, maxacalis, capoxós e tambacuris, de cujas vidas se [alimentavam], além da destruição que lhes [causavam] nas suas aldeias e culturas”. Seriam estes, atemorizados pelos Botocudos, que procuravam “a amizade dos povoadores de Minas, os quais se lhes têm unido algumas vezes, por pequenas escoltas, enviadas pelos Ex<sup>mos</sup> Generais, que têm governado as mesmas Minas, para que juntos destruíssem aquelas bárbaras nações...” (Rocha, 1995 [1780]: 77-78).

O mapa abaixo, de Arrow-Smith e Wied (1940 [1815-1817]: 516-517), que representa a estrada construída por Bento Lourenço em 1811, chega a apontar a localização desta aldeia, que no entanto não mais existia à época da visita da comitiva chefiada pelo príncipe Maximiliano de Wied. Os vestígios materiais da povoação indígena, no entanto, ainda estavam presentes: “a aldeia há muito tempo não existe, tendo o chefe morrido, mas no local em que esteve situada, bananeiras e outras plantas crescem em estado selvagem, sendo agora utilizadas pelos índios nas suas excursões”, observou o austríaco (Wied, 1940 [1815-1817]: 174).



Em novembro de 1834, quando a Presidência da Província projetava alocar um degredo para criminosos no interior daqueles sertões, informava Francisco Teixeira Guedes<sup>2</sup> à Câmara Municipal de Minas Novas sobre o local onde se estabelecera, no passado, a aldeia Maxakali capitaneada por Tomé:

Aquém de Todos os Santos, três ou quatro léguas, [na] antiga habitação dos índios Maxacalis que a abandonaram pelo impulso e força do Botocudo, denominado Aldeia do Capitão Tomé, corre um ribeirão de água permanente e é neste lugar ou nas margens do rio Todos os Santos que oferece todos os cômodos tanto pelo terreno como pela distância desta vila, para o estabelecimento de criminosos (degredados), ou mesmo para colônia (*apud* Otoni, 1847: 24).

---

<sup>2</sup>Francisco Teixeira Guedes aparece no relatório do diretor geral dos índios, Severino Barbosa de Oliveira, como diretor dos índios da quinta circunscrição – criada em outubro de 1871 -, sob cuja jurisdição se estabeleciam as “muitas aldeias” conhecidas, porém sem denominação, computando um total de 500 índios. Francisco Teixeira Guedes não respondera aos ofícios da Diretoria Geral desde dezembro de 1879 (10 de setembro de 1880. SG22, pp. 12v-13. APM).

O mestre de campo João da Silva Guimarães, por sua vez, em suas explorações entre o rio Doce e o Mucuri nos anos de 1730-34 encontrara “*Capochós, Panhanus, Machacalis, Purichus*, que são muito poucos, *Comanachos, Goaquines*, que dizem *Guatexy*”. “Acham-se mais” – continuava João da Silva no instigante relato de sua exploração – “*Punchós, Munhochós e Cotachos* ... vendo os primeiros assistidos e sossegados, exceto a nação dos *Goemborés por ser gentio mui feroz e comerem-se uns aos outros* e só destruídos se poderá ver o que senhoreiam” (Guimarães *apud* Pôrto, 1946: 150 – ênfases originais).

A relação de “aliança” estabelecida entre o mestre de campo e explorador de lavras, João da Silva Guimarães, e os índios falantes do Maxakali, por sua vez, remete para a utilização da mão de obra indígena na mineração ocorrida nos Seiscentos e Setecentos naquelas serras reputadas como ricas em jazidas minerais, quando bandeirantes paulistas exploraram “descobertos” de ouro e pedras preciosas.

Por ordem do governo da Bahia, um outro João da Silva, não o mestre de campo, mas o capitão-mor João da Silva Santos, desta vez já no ano de 1804, empreendeu uma viagem para descrever a costa, rios e os terrenos de toda a Capitania de Porto Seguro. A relação fornecida pelo capitão-mor a respeito daquela aldeia apresenta uma descrição detalhada acerca da configuração de sua “geografia étnica”<sup>3</sup>.

A desarticulação política subsequente ao desaparecimento da importante liderança do “cabo” indígena, falante da língua Maxakali, foi o motivo atribuído para a dizimação daquela “coalizão” de povos, perseguida pelos Botocudos no início dos oitocentos, quando estes passaram a conquistar a hegemonia de uma ampla zona (Tschudi, 1971[1866]: 229).

---

<sup>3</sup> Ver o Anexo I

O diretor do aldeamento de Lorena do Tocoíós (1797), José Pereira Freire de Moura, em carta dirigida ao Conde de Linhares, em janeiro de 1810, comentou sobre o relato do capitão-mor João da Silva Santos que possibilitava o exame da “posição da aldeia em que se ajuntaram os restos das nações Camanachos, Capoches, Pantime e Maquari, fugindo da sua total destruição pelos Botocudos do rio Doce” (Moura, 1896 [1810]: 35).

O acompanhamento etnográfico da trajetória da numerosa população de falantes do Maxakali reunida sob a liderança do capitão “cabo” Tomé ao longo do século XVIII revela os motivos do grande desastre que se abateria sobre esse povo, praticamente dizimado nos Oitocentos, a saber, sua estratégia de escambo com os potentados locais, que acabou por situá-los na condição de escravos.

O lugar onde se estabelecera a grande aldeia nas cabeceiras do Mucuri transformou-se na região onde foi estabelecido, no ano de 1814, um quartel ou divisão militar de fronteira, de acordo com as táticas de guerra ofensiva ordenadas pela Carta Régia expedida em 1808 por D. João VI. A localidade, conhecida no século XIX como Alto dos Bois, situava-se a cerca de 60 quilômetros de Minas Novas, importante vila mineradora no período.

O barão J. J. von Tschudi, no ano de 1858, investigou as origens dos índios então existentes em Alto dos Bois, esclarecendo detalhes de sua história e composição:

Antes de 1787 os Malalis formavam uma tribo que contava com mais de 500 indivíduos. Após terem sido forçados a se deslocar para o oeste naquele ano pelos Botocudos devido a uma guerra destruidora, não tinham mais do que 150 cabeças na região do quartel. Quando eles se reuniram novamente nas proximidades de Antônio Gomes Leal após uma nova volta à floresta e a uma nova derrota, eram apenas 26. Apesar de já estarem residindo lá há 70 anos e não estarem sujeitos a nenhum perigo especial e viverem sem serem incomodados, segundo suas tendências, e lá desempenharem trabalhos regulares

e não sofrerem de nenhuma falta de alimentos, o seu número não aumentou ainda para mais do que 30 e poucos indivíduos... *Parece que até agora eles não se misturaram com outros índios* (Tschudi, 1971[1866]: 216).

Os Macuni e Malali “aquartelaram-se” no Alto dos Bois no ano de 1794, junto à família do português Antônio Gomes Leal, ali estabelecida, fugidos dos Botocudos. Os Malali, no entanto, sucumbiriam às febres que grassaram nas matas do Peçanha, para onde se deslocaram, permanecendo apenas os Macuni em Alto dos Bois, de acordo com J. C. Machado (2000: 46). Com efeito, o príncipe Maximiliano de Wied, um dos primeiros naturalistas estrangeiros a descrever os índios daquelas matas, localizou os Malali, por volta de 1815, muito reduzidos, vivendo sob “proteção” militar no quartel do Peçanha, no alto rio Doce, enquanto os Macuni, mais numerosos, ainda faziam face aos ataques dos Botocudos. Também na correspondência do diretor de índios Guido Marlière se pode conferir que soldados de língua Maxakali serviram no quartel de Peçanha, pertencente à 5<sup>a</sup>. Divisão Militar do rio Doce. Os propriamente ditos Maxakali, por sua vez, seriam localizados pelo príncipe viajante na costa marítima (Wied, 1940 [1815-1817]: 299).

Somadas todas as informações, percebe-se a mudança da geopolítica dos povos fililados à família linguística Maxakali reunidos sob a liderança de Tomé desde meados dos setecentos, os quais, no início de XIX localizavam-se em quatro diferentes localidades, designados sob etnônimos distintos: Malali (Peçanha), Macuni (Alto dos Bois), Maxakali (Lorena de Tocoíós e costa marítima).

O povoado do Peçanha, antiga zona de mineração fundada em meados do século XVIII pelos bandeirantes e situada às margens do Suaçuí, tributário do médio Doce em sua margem norte, testemunhou - assim como as demais povoações surgidas no período

de violenta expansão da frente extrativista mineradora ocorrida com a interiorização das fronteiras de Minas, a saber, Diamantina, Serro, Minas Novas - o “descimento” da numerosa população indígena pertencentes à família lingüística Maxakali. M. Rubinger (1963) identificou aquela região como local de “correrias” destes povos:

Nesta área de grande população, com frente exploradora e aventureira, as diversas tribos que aí viviam passaram por inúmeros processos de descida, destribalização, massacres e aldeamentos de cativos. .. Peçanha foi nos tempos coloniais um descoberto, onde havia um posto militar destinados as correrias freqüentes das tribos Monoxós, Malalis, Macunis, Panhâmes e outras ... (Rubinger, 1963: 29)

O viajante Saint-Hilaire, ao passar, em 1817, por Alto dos Bois, segundo informações fornecidas pelo diretor de índios, relatou como a instalação do quartel militar do Peçanha relacionava-se aos ataques dos Botocudos ali ocorridos.

perseguidos pelos soldados da 5ª. Divisão (a de Passanha), [os Botocudos] refluíram para as Minas Novas, devastaram campos de milho, e mataram alguns habitantes. Os portugueses e índios abandonaram as matas; retiraram-se, em 1809, para o planalto em que está atualmente a aldeia, e lá não mais tiveram a temer os Botocudos, que *jamais atacam de frente um inimigo armado e numeroso* (Saint-Hilaire, 1975 [1830]: 49).

Quanto às estratégias de ataque dos Botocudos, o naturalista francês, na passagem acima, reproduzia informações contidas em descrições de combates entre os Botocudos, organizadas sob a ótica militar, recorrentes também nos diários de militares que descreveram as estratégias de “guerra” dos índios: suas “tocaiais”, seus “vedêtas” e “espias”. As estratégias “militares” dos Botocudos foram descritas na reconstituição de seus “combates”, nos quais utilizavam-se das imensas árvores como escudo para se ocultarem de suas “vítimas”, pegas de surpresa. Uma versão das famosas táticas de

“guerrilha” dos Botocudos foi transcrita pelo historiador capuchinho frei Jacinto de Palazzolo.

Os índios preparavam e executavam as emboscadas de forma inteligente *sem que pudesse por esse modo escapar sequer um animal ou uma pessoa*, logo que fosse avistado por entre a brecha. “De dez em dez braças, pouco mais ou menos, ao longo da estrada, estavam estabelecidas as tocaias, com as suas respectivas brechas entre o maciço de cipó e, por trás delas, um grupo de índios seus ocupantes .... O sinal convencionado entre eles era o pio da jacutinga, que imitavam perfeitamente (Aguirre *apud* Palazzolo, 1973 [1954]: 35).

Fracionados em uma multiplicidade de sub-grupos, os Botocudos eram também encontrados em localidades próximas aos quartéis, negociando com portugueses quando, por vezes, faziam dos soldados “reféns” obrigados a lhes “presentear”. Os Maxakali, quando em situação de “redução” reagiam distintamente, adotando estratégias que lhes garantissem a coesão de sua forma social, seja reagindo coletivamente aos maltratos dos soldados através de uma imediata e avassaladora “rendição”, seja recuando das proximidades dos “protetores” com os quais passavam a manter uma espécie de servidão apenas na aparência, residindo alhures o núcleo de sua sociabilidade, dissimulada através de um tipo de estratégia semelhante à denominada por S. Stern (1987) de “resistência adaptativa” – ou, seja, de uma falsa submissão.

A exposição de Francisco Teixeira Guedes à Câmara de Minas Novas, sobre a exploração das matas do Mucuri que havia capitaneado em 1829, com a finalidade de “examinar o rio Todos os Santos e uma serra além deste, que roteiros de antigos paulistas [anunciavam] grandeza de pedras preciosas”, ilustra como penetrar naquele território indígena poderia ser perigoso para os incautos:

Com efeito, concluí meu plano e cheguei a tal serra; porém, infelizmente, no segundo dia, quando nos preparávamos para o trabalho, fomos cercados pelo

gentio, que nos matou o intérprete da língua botocuda e três cavalos, e fomos forçados a sair pelo grande número destes antropófagos (*apud* Otoni, 1847: 24).

As informações do explorador esclarecem a localização da aldeia onde, durante muitas décadas, fixaram-se aqueles povos indígenas. Cerca de cem anos depois do mestre de campo João da Silva Guimarães ter estabelecido relações de aliança com a aldeia de Tomé, o explorador Francisco Teixeira Guedes notificou sua penetração no lugar. A passagem a seguir, redigida pelo explorador em dezembro de 1829, descreve a mesma viagem relatada anteriormente à Câmara de Minas Novas, destacando, no entanto, os acontecimentos anteriores ao assassinato do intérprete - após o qual os viajantes entraram em pânico, batendo em retirada.

No dia três de setembro ... atravessamos o rio Macuri, e logo subindo ao cume de uma grande serra divulgamos que *a margem deste rio é toda ocupada de capoeiras, e produtíeis; como perguntado, informou o índio guia, asseverando serem aqueles sítios os de sua antiga residência, e de mais outras nações – Macunin, Capoxes – expulsos pela fereza do gentio botocado; sendo que já ali habitou um João da Silva com escravos em outro tempos.* Na distância de oito léguas pouco mais demos aqueles seis buticudos, e mais benigna família que em seguimento junta, e após de nós como gente amiga acompanhava se apartou, e com aceleração precipitada, avisando-nos que em breve outros índios de Nação Ioporok eram senhores daquelas terras e que pelos rastros que observaram estavam perto de nós; razão porque eles se retiravam, e porque era Nação Brava, e no entanto que no regresso prometiam sair conosco. No dia 17 com efeito seguindo nossos trabalhos encontramos com três gentios, que caçavam e falando-lhes o língua para que se chegassem a nós, não assentiram e dando um não retiravam-se. Em o dia 20 ao amanhecer seguiram nossos escravos ao pasto a fim de trazerem animais ao rancho, é quando entre outros fogem a ter no rancho dois feridos e corre o sangue pelas roturas que fizeram as flechas nestes animais, e no tempo que este assustador ato encaramos é o mesmo em que não escapa a nossas vistas a divulgação de um gentio ainda dantes não visto, que corre.

Imediatamente prosseguimos sobre ele, e com a Companhia dos Línguas chegados ao lugar, fazemos que o língua chamasse por ele; a este anúncio respondem e perguntam se estamos em guerra, a resposta nossa foi que viessem a nós, pois queríamos deles a amizade: *apresentarem-se 11 mancebos de horrenda catadura*; e com as mais estudiosas carícias e maxavelismo (sic) podemos conseguir que viessem ao abarracamento, onde para os convencer brindamos com machados, fitas, miçangas e comidas, não lhes sendo estranha a

farinha porque precipitadamente a comeram, contudo não duvidaram a maneira como dela se usava; rejeitando somente a comida feijão; e entre eles divisamos que um trazia pendente a colo um pedaço de Serra.

Estes 11 mancebos nos acompanharam com sisudeza por um quarto de légua, distância que vagueamos até encontrar com o rio Todos os Santos...(Guedes, 1898 [1829], *apud* Timmers: 279-280).

Esta passagem evoca o caráter das relações estabelecidas entre os “gentios” entre si e com os “invasores” brancos. A distinção entre os povos de língua Maxakali e os Botocudos, em suas divergentes facções (os Giporok – “bravos”, que recusavam o contato e os demais – Naknenuk, Aranã, Bakuên – que “comerciavam” com os brancos) já se fazia notar, bem como as suas diferentes estratégias de comunicação com os viajantes e colonos<sup>4</sup>. O encontro com os “11 mancebos de horrenda catadura” que abordaram à expedição prenunciava o que ocorreria no início da atividade mineradora.

Além de evidenciar a co-existência dos numerosos povos de língua Maxakali liderados pelo “capitão cabo” Tomé em uma suposta aliança com o mestre de campo, em sua incursão mineradora pioneira naquelas paragens em tempos antigos, o relato do expedicionário revela ainda a estratégia de grupos Botocudos que, mesmo “resistentes” ao comércio com os brancos, pareciam “seduzidos” pelas suas ferramentas, incorporadas não através da “troca” – tendo em vista ao contexto de guerra que “justificava” o apresamento indígena - , porém através da pilhagem, revelada através do assassinato do intérprete, da “Companhia dos Línguas” que acompanhava a expedição.

---

<sup>4</sup> Para visualizar a distribuição geográfica dos Giporok, por ocasião da liquidação da Companhia do Mucuri, temos as informações reunidas pelo comissário do governo imperial J. C. Gomes (1862), que asseverava que “desde que se entra no vale do rio Urucu e passando ao do Todos os Santos, predominam exclusivamene os indios Giporoka, quer dizer, bravos, tendo suas aldeias a rumos diversos” (Gomes, 1862: 37). O engenheiro da Companhia do Mucuri, Roberto Schlobach, por sua vez, ao traçar o esboço da picada entre Filadélfia e a Colônia do Urucu, em 1854, iria identificar os terrenos como sendo “dos Gypocks da Saudade” e dos “Gyporocks do Urucu” (SP; documentação não encadernada; fundo Presidência da Província; série: Correspondência Recebida; subsérie: Obras Públicas; Cx. 76, Doc. 6). O mapa encontra-se reproduzido em Missagia de Mattos, 2004).

A referida Companhia composta por intérpretes nativos, por sua vez, seria a Companhia de Pedestres, organizada após a Carta Régia de 1808, que propunha a subjugação dos “prisioneiros” nas Divisões Militares de Fronteira. As Divisões Militares eram compostas de mestiços e indígenas que, além de guiarem as expedições de guerra e bandeiras<sup>5</sup>, também trabalhavam em obras públicas, sobretudo na abertura de estradas. O relato do expedicionário Francisco Teixeira Guedes, precisa ser lido, portanto, no contexto bélico que caracterizou o período posterior ao decreto real de guerra contra os “botocudos antropófagos” (1808).

No dia quatro [seria outubro] quando aqueles ingratos e famintos Botocudos aparecidos de antes em Todos os Santos, a nos se apresentaram de novo com suas famílias; e senão tinham em maior recebido até aqui presentes, e quando maior agasalho a todos prestamos nesta ocasião, tanto que em prova de satisfação formaram um baile em que dançaram com o Língua; ficando nos certificados pelos atos que eram a nosso respeito boas as intenções, do Botocudo. O contrário porém nos foi presente, porque convidando o Língua a três daqueles gentios para irem procurar um veado que os cães tinham levantado; acompanharam o Língua e *em pouca distância da rancharia mataram ao língua com três flechadas de arco atiradas e 7 de mão, roubando ao morto a arma, e roupa, deixando finalmente o corpo em nudez*. Este caso em pronto foi logo trazido a rancharia por dois caçadores que pelo mato andavam; e ao morto acharam em tão desastroso estado; e é quando no momento desta triste notícia toda a mais aldea que no rancho estava, retirasse (Guedes, 1898 [1829]: 280).

Acompanhando a trajetória dos povos de língua Maxakali do Mucuri sob o aspecto de sua estratégia de escambo com a população luso-portuguesa e sua conseqüente derrocada populacional, o relato do Ouvidor da capitania do Porto Seguro, de janeiro de 1764, informava, não sem demonstrar um especial interesse, sobre os indígenas

---

<sup>5</sup> O termo “bandeira”, utilizado na documentação arquivística sobre Minas na segunda metade do século XVIII, não pode ser confundido com as bandeiras dos paulistas dos seiscentos. As primeiras eram menores tanto quanto ao número de participantes quanto ao tempo de duração e a extensão das entradas (cf. Langfur, 2002: 243).

existentes no Mucuri, potencialmente transformáveis em dóceis súditos de Sua Majestade.

Também me informaram, parece-me que com verdade, que à povoação de S. Mateus têm descido por várias vezes bastante *gentios em tom de paz a fazer o seu negócio e que o mais que querem são facões e machados, dando por eles cintas de penas, e que suas aldeias são governadas por um João da Silva Guimarães* que há anos desceu fugido das Minas.

Logo por prevenção escrevi ao Vigário e Juiz recomendando-lhe eficazmente que no caso que eles descessem sem eu lá me achar, os animassem e acariciassem de forma que eles conhecessem que nós éramos seus amigos e que viessem ... viver para aquela povoação em que haviam de ser honrados e favorecidos por S.M. que lhes mostrassem a Igreja e lhes fizessem todas as demonstrações de amizade. Tão bem lhes *mandei carta para o mesmo João da Silva convidando-o a que descesse com os mesmos índios, que eu lhe prometi da parte de S.M. dar-lhe terra para ele fundar uma povoação e que se estabelecessem todos nas terras que eles que ele quisesse que ao mesmo senhor representaria todo o bom serviço, que ele nesta parte lhe fizesse, para o premiar conforme o seu merecimento, e que não se intimidasse se tinha algum crime, porque S.M. usaria com ele de sua Real Clemência* (*apud* Pôrto, 1928: 11).

Um outro aventureiro daquelas matas, habitante do povoado de São Mateus, Francisco Teixeira Álvares, enviou ao governo da Bahia um requerimento, no ano de 1780, pedindo permissão para entrar na matas do São Mateus e Mucuri até suas cabeceiras, a fim de catequizar sete aldeias de índios - conhecidos como *Bacuani* – e fazer explorações de ouro e pedras preciosas, pedindo ainda várias regalias e concessões. O peticionário referia-se à existência de “mais de treze aldeias onde assistiu por vários anos o coronel João da Silva Guimarães, já defunto, que os domesticou e agregou a si” (*apud* Pôrto, 1928: 11).

Uma vez extinto aquele aldeamento, cujas descrições coincidem com aquele capitaneado por Tomé, permaneceriam no local, segundo o peticionário, apenas “bananeiras e outras plantas [crescendo] em estado selvagem, sendo agora utilizadas pelos índios em suas excursões”, como apontara Maximiliano de Wied (1940 [1815-

1817]: 174), de acordo com o relato de Bento Lourenço, morador do povoado de Minas Novas que incursionou de forma pioneira naquela região, indicando o caminho inicial por onde futuros expedicionários percorreram.

A versão da memorável expedição liderada em 1811 por Bento Lourenço apresentada por Maximiliano de Wied, destacou a participação dos índios, apresentando algumas das dificuldades que envolveram o empreendimento.

Os numerosos soldados índios foram muito úteis ao capitão como caçadores e como guardas contra os selvagens; porque entre o pessoal havia capuchos e outros, e até um Botocudo, que fora criado pelos Portugueses. Estiveram a pique de perder toda a bagagem nas quedas do Mucuri, quatro dias de viagem rio acima....

Nos últimos dias dessa audaz e perigosa viagem através da mata, os viajantes ficaram reduzidos à fome absoluta; já estavam quase exaustos, quando atingiram inesperadamente, abandonada, a última plantação que existe à margem do rio ... O bando inteiro atirou-se vorazmente às raízes cruas de mandioca, entre as quais desgraçadamente havia uma grande porção de mandioca brava, espécie venenosa. Vômitos violentos, que foram a consequência, enfraqueceram ainda mais os desencorajados aventureiros.... No dia seguinte alcançaram a meta da corajosa empresa, e entraram na vila do Mucuri (Wied, 1940 [1815-1817]: 174-175).

Entre os soldados que acompanharam o expedicionário em busca de riqueza e em guerra contra os “selvagens” (entenda-se Botocudos) contavam-se índios “mansos” - categoria que incluía até um Botocudo “criado pelos portugueses” -, e *capuchos* - como eram conhecidos os Coroados das matas do rio Pomba, por usarem “um penteado como os frades”, de acordo com a explicação de frei Olavo Timmers (1969).

## BIBLIOGRAFIA E FONTES

### Fontes

Arquivo Público Mineiro, APM, Belo Horizonte

TIMMERS, 1969. “O Mucuri e o Nordeste Mineiro no passado e seu desenvolvimento segundo documentos e notícias recolhidas por Frei Olavo Timmers OFM em lembrança do 100º aniversário de Teófilo Benedito Otoni. 1869 - 17 de Outubro de 1969”. Teófilo Otoni. Datilografado com emendas manuscritas. 535 fls.

*Códices da Seção Provincial (1821-1890)*

Documentação encadernada:

SP 412 - registro de ofícios do Governo aos Comandantes de Forças (1848 - 1849);

Documentação não encadernada:

“Relatório e esboço da picada para o Urucu”. De Roberto Scholbach para Teófilo Otoni. Fundo: Presidência da Província, Série: correspondência recebida, Sub-série: obras públicas. Cx. 76. Doc. 6.

*Códice da Secretaria de Governo (1863-1894):*

SG 22: expediente da Diretoria dos Índios (1886-1887).

### Bibliografia

- BRANDÃO, Jozé da Silva, 1913 [1799]. “Os Índios de Lorena dos Tocoyós”. *RAPM* XVII, pp. 431-435.
- CASTRO, Filipe J. da Cunha, 1913 [1832]. “Expedição ao Rio Doce: relatório de viagem de inspeção à 1ª, 5ª, 6ª e 7ª divisão do rio Doce, realizada pelo Comandante Interino do Quartel Geral das Divisões, dirigido ao Presidente da Província das Minas Gerais, em 09/11/1832”. *RAPM* XVII, pp. 78-90.
- CATHOUD, Arnald, 1936. “Os ‘Bacuêns’ de Imburana e a destruição das matas do valle do Jequitinhonha”. *Boletim do Museu Nacional* XII, pp. 129-133.
- DUARTE, Regina H., org. 2002. *Notícia sobre os Selvagens do Mucuri*. Ed. UFMG.
- GOMES, José Cândido, 1862. *Relatório da Comissão Liquidadora da Companhia do Mucuri*, Rio de Janeiro: Tipografia Nacional.
- HALFELD, H. G. F. e TSCHUDI, J, 1998. *A Província Brasileira de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fund. João Pinheiro.
- JACOB, Rodolfo, 1911. *Minas Gerais no XX século*. Rio de Janeiro: Gomes, Irmão & C. Impressores.
- LANGFUR, Hal Lawrence, 2002. “Uncertain Refuge: frontier formation and the origins of the Botocudo war in the late colonial Brasil”. *Hispanic American Historical Review* 82:2, pp. 215-256.

- MACHADO, José Carlos, 2000. *Senhora da Graça da Capelinha*. Capelinha: J. C.Machado.
- MARLIÈRE, Guido Thomaz, 1905. "Ofícios". *RAPM* X, pp. 382-668.
- MISSAGIA DE MATTOS, Izabel Missagia de, 2004. *Civilização e Revolta: os Botocudos e a catequese na Província de Minas*. Bauru: Edusc/Anpocs.
- MISSAGIA DE MATTOS, Izabel Missagia de, 2002. "'Civilização' e Revolta: povos Botocudo e indigenismo missionário na Província de Minas". Tese de Doutorado. Unicamp.
- MORENO, Cezar, 2001. *A Colonização e o Povoamento do Baixo Jequitinhonha: a guerra contra os índios*. Belo Horizonte: Canoa das Letras.
- MOURA, José Pereira F. de, 1897 [1809]. "Botocudos e Aymorés (Dezembro de 1809- Lorena dos Tocoyos)". *RAPM*. Ano II, pp. 28-36.
- MOURA, José Pereira F. de, 1897 [1810]. "Em Procura da Lagoa Dourada Neste Nordeste Mineiro". *RAPM*. Ano II, pp31-36.
- OTONI, Teófilo Benedito, 1847. "Condições para a Incorporação de uma Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri". Rio de Janeiro, Tipografia de Imp. e Const. de J. Villeneuve e Companhia.
- OTONI, Teófilo Benedito, 2002 (1859). "Notícia sobre os Selvagens do Mucuri em uma carta dirigida pelo Sr. Teófilo Benedito Otoni ao Sr. Dr. Joaquim Manuel de Macedo". In DUARTE, Regina H., org. 2002. *Notícia sobre os Selvagens do Mucuri*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- PALAZZOLO, Jacinto de, 1973 (1954). *Nas Selvas dos Vales do Mucuri e do Rio Doce. Como surgiu a cidade de Itambacuri, fundada por Frei Serafim de Gorizia, Missionário Capuchinho (1873-1952)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- PARAÍSO, Maria Hilda B, 1998. "O Tempo da dor e do Trabalho: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste". Tese de Doutorado em História. FFLCH - USP. 5 vol.
- PEREIRA, Leopoldo, 1969. *O Município de Araçuaí*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais.
- PIMENTA, D. João Antônio [Arqueólogo], 1959. *Genealogia da Família Figueiredo*. Belo Horizonte. IHGMG, 22 pp.
- PIZARRO, Monsenhor J.S.A, 1909. "Memórias Históricas da Província de Minas Gerais". *RAPM*. XIII, pp. 523-639.
- PÔRTO, Reinaldo Otoni, 1928. *Notas Históricas do Município de Teófilo Otoni*. Vol. I. Teófilo Otoni.
- PÔRTO, Reinaldo Otoni, 1946. "A Bandeira de João da Silva 'O Mestre de Campo', o Todos os Santos e os Selvagens do Mucuri". Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais* II, pp. 142-177.
- RIBEIRO, Áureo Eduardo, 1997. "Estradas da vida: terra, fazenda e trabalho no Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais". Tese de Doutorado. Campinas: IFCH/UNICAMP.
- ROCHA, Joaquim, 1995 [1780]. *Geografia histórica da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro
- RODRIGUES, Aryon, 1986. *Línguas Brasileiras - para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo. Ed. Loyola.

- RUBINGER, Marcos M, 1963. *Projeto de Pesquisa Maxakali, Grupo Indígena do Nordeste de Minas Gerais*. Mimeo.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1975 (1830). *Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.
- STERN, Steve J, org., 1987. *Resistance, Rebellion and Consciousness in the Andean Peasant World*, Madison. Univ. Wisconsin Press.
- SUZANNET, Conde de, 1975. *O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.
- TETTEROO, Samuel, OFM, 1919. *Memória Histórica e Geográfica do Município de Jequitinhonha: ano 1919*. Tip. Teófilo Otoni
- TSCHUDI, Johan Jakob von, 1971 (1866). *Reisen durch Südamerika*, 5 vols, Vol II, Stuttgart: Brockhaus.
- VASCONCELOS, Diogo P. R, 1994 [1901]. *Breve Descrição Geográfica, Física e Política da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fund. João Pinheiro.
- WIED NEUWIED, Maximiliano de, 1958. *Viagem ao Brasil*, Companhia Ed. Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo.

## **Abreviatura**

RAPM: Revista do Arquivo Público Mineiro

## ANEXO

### *Relação fornecida pelo capitão-mor João da Silva Santos a respeito da aldeia do Capitão Tomé*

A barra deste rio [Mucuri] é uma das melhores que há nesta comarca por ser a sua entrada ... fazer ancorar 5 até 6 embarcações...; sempre se conserva o rio alegre e com largura de tiro de arcabuz, e pouco fundo desde a vila até a dita distância, que só serve para canoas e pequenas barcas que demandem de 4 até 5 palmos de água, finalizando esta distância na primeira cachoeira, que só passam canoas puxadas à mão por uma das mesmas pedras, as quais vão subindo, fazendo seus intervalos de umas a outras como taipabas e puxavam-se 33 pela distância de 10 léguas ao dito rumo de sorte que veio a fixar a Serra do N. com a do S. , como que traspassa uma pela outra, e pelas margens das mesmas serras desentranhado, o dito rio ficando com um ribeirão e até aqui chegaram as canoas, que não poderam mais passar, e porque não se sabiam as serras, foram por minha comissão alguns índios a descobrir pelas margens do dito ribeiro até a aldeia do Gentio bárbaro, que até hoje se conservam de paz comigo e acharam caminharem até a dita aldeia 6 léguas ou pouco mais ou menos, cuja situação fica em um plano entre a serra dita e outra que lhe fica a Oeste em distância de meia légua seguindo sempre o mesmo rumo, não fazendo menção das miúdas voltas cortando pela margem da dita aldeia pela parte do N. *na qual se acham todos os víveres da primeira necessidade, como me asseveram os mesmos índios, e antecedentemente um escravo meu, que com o dito gentio foi fugitivo, e lá se conservou ano e meio, e depois mo tornaram a trazer em junho de 1800, e fazendo eu consideração pelo que me noticiou o dito escravo tem o melhor de 2000 pessoas e o mesmo me participa o língua de nome Antonio José, e que dali a Minas [vila de Minas Novas] gastava 5 dias chegando a uma fazenda de um Sr. Coronel que entre criados, que possuía, nomeava um por nome Domingos Turuçu, que significa grande e gordo, e que de tal fazenda a Vila Rica se ia a cavalo ou em carro, denominando-se sempre o ribeirão com o nome S. Barbara, e eu assim o acredito porque no ano de 1786 em que o dito Gentio me saiu de paz a primeira vez apresentou-me um que entre eles se fazia cabo por nome Tomé um passaporte firmado pelo Sr. D. Manuel quando governou Vila Rica e dizia o dito passaporte “Ao Cabo Tomé de Nação do Gentio bárbaro deixarão andar esquadrinhando com a sua patrulha as cabeceiras do Ribeiro S. Bárbara”, por onde venho a coligir ser aquele o mesmo ribeiro e o meu dito escravo diz que o mesmo índio é o cabeça da dita aldeia e no ano de 98 veio o dito Tomé à minha fazenda, onde se refez de machados, foices, facas e o mais que lhe foi mister, e voltou para dentro em 27 de dezembro de 1799.*

...

A dita aldeia do gentio veio a ficar em altura do polo na latitude 18'', 47 e longitude de 543'', 00<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Fonte: Inventário dos Documentos Relativos ao Brasil. Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa. Bahia, t. V, pp. 230-272, nn. 27108-27111 e 27113-27114. Volume XXXVII dos Anais da Biblioteca Nacional.